



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

JOGOS EM ROMA:  
*CONSUALIA, LUDI ROMANI E LUDI FLORALES*

Luciana Policarpo dos Santos

Rio de Janeiro  
2022

LUCIANA POLICARPO DOS SANTOS

JOGOS EM ROMA:

*CONSUALIA, LUDI ROMANI E LUDI FLORALES*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/ Latim.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Alice da Silva Cunha.

RIO DE JANEIRO  
2022

### CIP - Catalogação na Publicação

S237j SANTOS, LUCIANA POLICARPO DOS  
JOGOS EM ROMA: CONSUALIA, LUDI ROMANI E LUDI  
FLORALES / LUCIANA POLICARPO DOS SANTOS. -- Rio de  
Janeiro, 2022.  
37 f.

Orientadora: ALICE DA SILVA CUNHA.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Latim,  
2022.

1. JOGOS. 2. ROMA. 3. LATIM. 4. RELIGIÃO. I.  
CUNHA, ALICE DA SILVA, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Dedico este trabalho a minha mãe, minhas irmãs e meu pai  
(*in memoriam*) e a professora Alice.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter me dado saúde, inteligência, inspiração e forças para terminar as disciplinas da graduação e este trabalho.

Agradeço à UFRJ por permitir que eu conclua esta graduação. Foi um longo período.

Agradeço aos professores da Faculdade de Letras que estiveram no meu percurso formativo.

Agradeço ao Departamento de Letras Clássicas por todo o conhecimento aprendido, pela possibilidade de ter sido monitora do Departamento.

Agradeço ao Professor Dr. Guilherme Guerreiro Brito Losso por avaliar este trabalho e por ter sido na disciplina ministrada por ele a inspiração para o tema desta monografia.

Agradeço em especial à Professora Dr<sup>a</sup> Alice da Silva Cunha, pois sem ela este trabalho não sairia. Muito obrigada, professora, a senhora acreditou em mim, me ajudou muito e não permitiu que eu desistisse. Foram muitos anos de orientação e aqui chegamos. Não tenho palavras para lhe agradecer.

Por fim, quero agradecer a minha família, minha base, que sempre esteve ao meu lado e acreditou, incentivou e ajudou no meu sonho de estudar latim.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. OS JOGOS NA ROMA ANTIGA .....	8
1.1 Tipos de jogos .....	13
1.1.1 Jogos Oficiais .....	13
1.1.2 Jogos não Oficiais.....	15
1.2. A importância dos Jogos .....	17
2.PRIMEIROS JOGOS: <i>CONSUALIA</i> E <i>LUDI ROMANI</i> .....	19
2.1 <i>Consualia</i> .....	19
2.2 <i>Ludi Romani</i> .....	24
3. OS JOGOS DE FLORA .....	27
3.1. A deusa Flora.....	27
3.2 A deusa nos <i>Fastos</i> .....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	35

## INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema os jogos e a sua importância na sociedade romana. A pesquisa tem início com uma abordagem de aspectos gerais sobre o tema, permitindo, assim, uma breve sequenciação dos jogos. Tendo como ponto de partida o reinado de Rômulo, fundador de Roma, visando, dessa forma, a demonstrar panoramicamente os jogos públicos romanos até o século I a.C. Em seguida, o foco deste trabalho direciona-se para três jogos: *Consualia*, *Ludi Romani* e *Ludi Florales*, por meio de uma pesquisa mais aprofundada. Esses jogos representam festividades urbanas e agrárias, respectivamente. Realizamos nossa pesquisa bibliográfica com base na leitura de obras literárias e de obras acadêmico-científicas.

Na língua latina, os termos *ludus/ ludi* possuíam distintas acepções. Enquanto *ludus* indicava divertimentos, brincadeiras, *ludi* definia as celebrações com jogos e servia também como forma de caracterizar os tipos de competições ou nomeá-las: *ludi gladiatorii*, *Ludi Saecularis*. Esses *ludi* somados ao culto dos deuses estão na base da religião romana. O presente trabalho aborda unicamente os *ludi* em Roma, jogos cuja origem está usualmente ligada à prática religiosa e sua importância é inegável na e para a cultura romana.

Dessa forma, no Capítulo I, explicitamos, com base em Grimal (2009), Brandão (1993) entre outros, como os jogos estavam configurados, a sua importância e quais foram os principais. Já no Capítulo 2, cujo foco são as *Consualia* e os *Ludi Romani*, apresentamos as versões de Tito Lívio (1989) e Eutrópio (1930), dois historiadores romanos, sobre a instituição desses jogos, já que cronologicamente são os primeiros espetáculos. Por fim, no Capítulo 3, consideramos os jogos realizados em honra da deusa Flora, visualizando-os a partir da narrativa de Ovídio, na obra *Fastos* (2015), na qual o poeta trata da deusa e de seu culto – Livro IV (v. 943-954) e Livro V (v.183-377).

Acreditamos que este trabalho monográfico mostra a relevância dos jogos para uma compreensão mais abrangente da civilização romana, porque retoma os jogos a partir da fundação de Roma – com as *Consualia* –, contribuindo para uma visão aprofundada dos jogos como elemento que integra a sociedade romana na política, na história, na religião, na economia.

## 1. OS JOGOS NA ROMA ANTIGA

Neste capítulo, explicaremos o que foram os *ludi*, sua classificação, sua importância, onde eles eram realizados.

O termo *ludus*, no singular, significa “jogo”, divertimento, passatempo; já o termo *ludi*, no plural, é usado, de um modo geral, para designar os jogos quer de caráter oficial que constavam no calendário da Cidade quer os realizados de modo particular. Os *Ludi* existiam desde os primórdios da fundação de Roma e eram importantes para garantir o bom funcionamento da cidade: “Os jogos romanos, na sua essência, são actos religiosos. Representavam um ritual necessário para manter as desejadas boas relações entre a cidade e os deuses:” (GRIMAL, 2009, p. 272).

É importante ressaltar que *ludus* tem acepção de caráter mais geral, pois abrange desde brincadeiras ou divertimentos infantis (ERRANDONEA, 1954, p.925) e jogos de xadrez e de damas – *latrunculi* e *ludus duodecim scriptorum* - (BORNECQUE & MORNET, 1976, p. 158) até competições esportivas, como corridas, lançamento de dardos, saltos, entre outras, essenciais para a formação militar do jovem romano. Assim, no campo dos divertimentos estão presentes leituras, recitais, brincadeiras infantis, conversas no Fórum, banhos públicos e atividades físicas com vistas a preparação ao serviço militar.

Bornecque e Mornet (1976) afirmam que, a partir dos sete anos de idade, se iniciava a instrução formal da criança, da qual também fazia parte a educação física, segundo os mesmos autores:

Quanto à educação física o pudor romano proscovia as lutas dos ginásios, tais como eram praticadas pelos gregos desde a mais tenra idade. Os exercícios atléticos para os meninos reduziam-se ao jogo de bola, ao arremesso de disco, à brincadeira com o arco, a corrida, e outros no Campo de Marte, próprios a formar soldados, mas sem a pretensão de beleza (BORNECQUE & MORNET, 1976, p. 156).

Pierre Grimal faz referência análoga no capítulo “Os prazeres da Cidade”, em sua obra *A civilização Romana* (2009), quando declara que na Grécia a formação no ginásio não tinha por objetivo, somente, a formação de soldados para a cidade, mas sim “uma ‘arte da paz’ da qual se esperavam espíritos bem formados, equilibrados e nobres” (GRIMAL, 2009, p 269); já em Roma, a ginástica pura possuía um fim prático: preparar o jovem soldado: “No Campo de Marte, os jovens submetiam-se a um treino quase exclusivamente militar: saltar, lançar o dardo,



correr com ou sem armas, nadar, endurecer ao frio e ao calor, combater à lança, montar a cavalo” (GRIMAL, 2009, p 269).

Em contrapartida, os *ludi* pertenciam a mais profunda tradição religiosa (GRIMAL, 2009, p. 271) e eram celebrados em ocasiões como: aniversários dos deuses, principalmente das divindades agrárias; consagração de estátuas e de templos; homenagem aos mortos; aniversário dos vivos; aniversário de vitórias, aniversários de Cidades, epidemias; inauguração de um novo período (BRANDÃO, 1983, p. 185-187).

Ao longo da história romana, diversos *ludi* foram criados e celebrados, uns tornaram-se oficiais e outros não. Contudo, ambos possuíam caráter religioso e festivo. Os jogos oficiais contavam com um responsável para sua realização e eram custeados pelo Estado. Já os jogos não oficiais poderiam acontecer em qualquer ocasião, como, por exemplo, devido a alguma catástrofe ou à morte de alguém importante, ou à determinada vitória, e eram financiados por aqueles que promoviam a celebração.

Quando lemos caráter religioso, podemos entender que a celebração dos jogos estava vinculada a alguma divindade e, antes de se iniciarem as competições, havia uma cerimônia dedicada aos deuses, na qual os jogos lhes eram oferecidos quer como agradecimento, quer como súplica. Segundo Junio Brandão, esta cerimônia se denominou *Pompa* e traduzia, por assim dizer, o caráter religioso dos *Ludi*.

Antes dos grandes espetáculos no Circo Máximo havia um aparatoso desfile, denominado *Pompa*, vocábulo tomado do grego *πομπή* (*pompé*), procissão. O cortejo era encabeçado por jovens; em seguida surgiram os cavaleiros, agrupados por turmas, e centúrias, cerca de 1.800 ginetes. Seguiam-nos a pé os meninos, divididos por classes sociais e tribos. Vinham depois os competidores, os atletas e os aurigas. Após estes apareciam os diversos tipos de dançarinos, os que executavam a pírrica, dança guerreira e os *ludi* ou *ludiones*, historiões de origem etrusca. Acompanhavam-nos os músicos, flautistas e citaristas, bem como os portadores de vasos com perfumes, incensos e de objetos decorativos em ouro e prata, propriedade dos templos e do Estado. A gigantesca procissão era fechada pelas estátuas de inúmeros deuses, cuidadosamente transportadas nas *tensae* ou carros sagrados. (BRANDÃO, 1993, p. 183)

Os locais para a realização dos jogos eram o circo, o anfiteatro e o teatro. Antes da criação do Circo Máximo, os jogos eram realizados no Campo de Marte.

Os jogos de circo são os mais antigos na história romana e também os mais apreciados por este povo. Rômulo em seu reinado, patrocinou as festas *Consualia* e, durante a apresentação de jogos circenses, nesta festa, raptou mulheres para Cidade recém-fundada (TITO LÍVIO,

1989, p. 32). Conforme Chorão (2001, p. 921) a primeira celebração de espetáculos de circo remonta a Rômulo, porém isso não significa que foi ele quem criou este tipo de celebração. Pressupõe-se que jogos de circo eram algo comum e muito estimado pelos habitantes do Lácio. Celebrações com jogos são anteriores a este objetivo, mas no mito da fundação de Roma temos conhecimento das *Consualia* com o fim citado. O próprio Tito Lívio relata que foi durante os jogos lupercais que Amúlio – tio-avô de Rômulo e Remo – foi assassinado por meio de plano dos sobrinhos (TITO LÍVIO, 1989, p. 26), fato que corrobora o pressuposto de que celebrações com jogos são um evento muito antigo na região do Lácio. De acordo com Giordani (GIORDANI, 1983, p. 219), no circo eram realizadas manobras militares, corridas a pé, a cavalo, de carro e pugilatos. As corridas de carro, como cita Tito Lívio, já estavam presentes nos jogos instituídos por Tarquínio Prisco.

Um outro local de competições esportivas era o anfiteatro, ali aconteciam os combates entre gladiadores (*ludi gladiatorii*), os combates de homens contra feras (*ludi venationes*) e de feras entre si. Segundo Pierre Grimal (GRIMAL, 2009, p.280), os combates de gladiadores foram introduzidos em Roma nos jogos fúnebres de Júnio Bruto, em 264 a. C. Esses combates eram de origem etrusca e possuíam um caráter religioso inegável.

[...] esses “ritos” eram realizados, ao menos primitivamente, sob a forma de *munera*, “dádivas, oferendas, deveres para com os mortos”, isto é, as lutas de gladiadores, onde o que importa era a efusão de sangue, ofereciam-se aos mortos com o objetivo religioso de apaziguar-lhes a alma e retemperar-lhes a energia na outra vida (BRANDÃO, 1993, p. 182)

Sobre os combates de gladiadores ocorridos nos Jogos Fúnebres de Júnio Bruto, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel afirma que os filhos dele fizeram três pares de gladiadores lutarem em honra do pai. A mesma autora cita ainda que os combates tiveram origem no culto dos mortos (PIMENTEL, 2002, p. 100). No entanto, com o tempo, a função de homenagear os mortos foi se apagando devido ao apreço que os romanos tinham pelos combates (PIMENTEL, 2002, p. 101).

Além disso, a partir do século III a. C., competições com feras exóticas foram introduzidas em Roma, iniciando-se com os elefantes. No início do século I a.C., vieram os avestruzes, seguindo-se os leopardos e os leões.

Estes animais eram por vezes simplesmente expostos à curiosidade da multidão: caso das serpentes, das aves multicolores vindas da Índia ou dos confins da Etiópia ou, por vezes, introduzidos em combates. Assim como se defrontavam

gladiadores munidos de armas diferentes, também se realizavam combates entre leões e elefantes, tigres e leões ou touros (GRIMAL, 2009, p. 285).

É importante destacar que o anfiteatro foi uma concepção autenticamente romana, e, embora os combates entre gladiadores fossem importados da Etrúria, foi em Roma que eles obtiveram sucesso. O primeiro anfiteatro construído de pedra foi o de Statilius Taurus, amigo de Augusto, no Campo de Marte. O anfiteatro mais famoso é o Coliseu (*anfiteatro Flávio*), que começou a ser construído no reinado de Vespasiano e concluído por Tito (GIORDANI, 1983, p. 220).

O outro espaço para a realização dos *ludi* era o teatro, local para os jogos cênicos, os quais foram introduzidos em Roma no século IV a.C. Segundo explicita Giordani (GIORDANI, 1983, p. 217-218), nos primeiros tempos da República, os teatros eram palcos móveis armados em lugares abertos onde os espectadores assistiam às encenações de pé ou assentados no chão; já no século II a.C. eram feitos de madeira que se desmontavam ao final das representações; e que o primeiro teatro de pedra foi construído por Pompeu em 55 a.C. Vale ressaltar que nas províncias romanas, durante o Império, muitos teatros foram construídos, sendo a maioria construções em madeira.

Dentre os gêneros teatrais existentes na época romana, havia o teatro literário com as comédias e as tragédias e havia gêneros mais populares advindos da *pompa circensis* e de divertimentos rústicos: as atelanas<sup>1</sup>, o mimo<sup>2</sup> e a pantomima<sup>3</sup> (GRIMAL, 2009, p. 277). Estes gêneros têm como principal objetivo provocar o riso, divertir o povo, mas também os deuses; desse jeito, o rito dos jogos atinge seu objetivo (GRIMAL, 2009, p.275).

Não se pode deixar de mencionar que, somados aos jogos já citados, havia as naumaquias, batalhas navais, executadas em arenas transformadas em lago. A primeira exibição de batalha naval data de 46 a. C e foi um espetáculo oferecido por Júlio César, no Campo de Marte, por ocasião de uma vitória neste mesmo ano. No ano 2 a.C., Augusto organiza espetáculo

---

<sup>1</sup>As atelanas, segundo Grimal (GRIMAL 2009, p. 277), são originárias da Campânia e se implantaram solidamente em Roma; possuíam quatro personagens estereotipadas: Pappus, o velho, Dossenus, o corcunda sentencioso, Bucco, o comilão, ávido de alimentos, parasita insolente, e Maceus, o tolo; o enredo baseava-se na vida cotidiana e cada personagem representava uma determinada situação; e era um gênero caricatural que seduziu o público romano pelo caráter familiar.

<sup>2</sup> De acordo com Grimal (GRIMAL 2009, p. 277), o mimo foi introduzido em Roma no final do século III a.C. e permaneceu até o fim da Antiguidade; utilizava temas lendários e apreciava aventuras amorosas. Era um gênero com poucos diálogos, o principal “era a gesticulação, a dança, tudo o que se dirigia aos sentidos, e não à inteligência abstrata” (GRIMAL 2009, p.278).

<sup>3</sup> Henri Bornecque & Daniel Mornet (BORNECQUE & MORNET, 1976, p. 166) assim explicam a pantomima “um gênero independente desde o fim da república, é um mimo transformado, em que as palavras são substituídas por gestos. É em geral uma história de amor, mimada com acompanhamento de um coro”.

semelhante (GRIMAL, 2009, p. 285). As *naumaquias*, segundo Pimentel (2002), também eram um espetáculo cruel e utilizavam armas e barcos reais “em que os beligerantes, denominados *naumacharii*, também eram condenados à morte” (PIMENTEL, 2002, p.107).

Roma desenvolveu-se culturalmente por meio da assimilação de traços culturais dos povos conquistados, dentre os quais foram os gregos os que mais deixaram influência na cultura romana. Essa assimilação cultural também é encontrada na religião romana, pois, ao lado das divindades e organizações sacerdotais romanas, há a introdução de cultos e festividades gregas ao longo do tempo. Alguns fatos históricos ratificam essa situação, como a tomada de Tarento, em 272 a.C., e a chegada de Lívio Andronico, aos solos romanos, sob a forma de prisioneiro de guerra (PEREIRA, 1990, p.42-43).

A figura de Lívio Andronico para a evolução dos jogos é relevante, uma vez que ele é o introdutor do teatro literário em Roma mediante traduções de peças gregas e, principalmente, da sua versão latina da Odisseia, de Homero. Lívio Andronico traduziu do grego uma peça de teatro para ser encenada nos *Ludi Romani* de 240 a.C., jogos realizados em comemoração pelo final da Primeira Guerra Púnica (PEREIRA, 1990, p.43).

Como se sabe, os jogos cênicos chegaram a Roma, em 364 a.C., por causa de uma peste, com o objetivo de afastá-la. Os jogos cênicos constavam de danças ao som de flauta, executadas por bailarinos etruscos. Foi, somente, em 240 a.C. que ocorreu a primeira encenação teatral com falas, a partir de texto elaborado por Lívio Andronico (PEREIRA, 1990, p.64). Tendo o teatro artístico como pano de fundo, podemos estabelecer uma breve sequenciação dos *ludi* em Roma: havia dois tipos de Jogos, os ordinários e os extraordinários.

No primeiro grupo, estão os jogos mais antigos entre os romanos: os *Ludi Romani*, os *Ludi Megalenses* (em honra da *Magna Mater*), os *Ludi Plebei* e os *Ludi Apollinares*, ocorridos, respectivamente, nos meses de setembro, abril, novembro e junho, estes foram surgindo durante períodos de crise da República. No segundo grupo, estão os jogos votivos, triunfais, fúnebres e dedicatórios. Ainda no campo dos jogos ordinários mais antigos havia os *Ludi Cereales* e os *Ludi Florales*, que eram jogos ligados a cultos agrários. No entanto, dentre todos citados, os mais importantes eram os *Ludi Romani*, instituídos por Tarquínio Prisco, um dos reis de Roma.

Cabe ainda mencionar os jogos realizados em honra do deus Conso. Estes jogos denominados *Consualia* podem ser considerados como as primeiras celebrações registradas na formação de Roma, visto que eles surgiram durante o reinado de Rômulo. No plano mítico,

acha-se vinculado às *Consualia* o episódio do Rapto das Sabinas, quando povos vizinhos foram até Roma prestigiar os jogos promovidos pela cidade.

Assim, pelo exposto, podemos traçar uma sequência para os jogos em Roma tendo início em Rômulo, com as *Consualia*, passando por Tarquínio Prisco, na instituição dos *Ludi Romani*, chegando aos demais jogos com o passar dos tempos, pois “Em cada crise da República, e mais tarde por ocasião de novos acontecimentos, outros jogos surgiam” (GRIMAL, 2009, p. 272).

## 1.1 Tipos de Jogos

Nesta seção, apresentamos os Ludi em dois grandes grupos, descrevendo cada grupo e seus espetáculos. Mencionamos, em primeiro lugar, os jogos anuais ou oficiais realizados predominantemente em honra de divindades para lhes suplicar ou agradecer pelas boas colheitas. Em segundo lugar, mencionamos os jogos votivos, os quais não tinham data fixa e sua existência vinculou-se à II Guerra Púnica. Esta modalidade de espetáculo ocorria quando Roma estava em perigo seja por causa de guerras, seja por causa de epidemias, ou, simplesmente, para comemorar uma vitória.

### 1.1.1 Jogos Oficiais

Por sua natureza religiosa e oficial, alguns jogos possuíam data fixa no calendário. Esses jogos fixados no calendário da Cidade eram chamados de *Ludi Solemnes* ou Jogos Ordinários; eram organizados por magistrados, edis e pretores. De acordo com Junito Brandão (BRANDÃO, 1993, p.180), no período republicano, os *Ludi Solemnes* ocupavam cerca de 68 dias do ano, neles havia competições no circo, no anfiteatro e no teatro, a depender do tipo de festa e/ou deus homenageado. Existiram diversos *Ludi* em Roma, mas os principais foram:

- a) *Ludi Megalenses*, em honra de Cibele: 7 dias (4 a 10 de abril). Criados em 204 a.C. para celebrar a chegada a Roma da pedra sagrada da deusa Cibele, vinda da Frígia. Um dia de jogos circenses e os restantes dedicados a representações dramáticas. Realizavam-se no circo e teatro.
- b) *Ludi Cereales*, em honra de Ceres: 8 dias (12 a 19 de abril). Consistiam em cerimônias alegres e jocosas, nas quais todos se trajavam de branco. Possuíam jogos circenses e grande procissão.

- c) *Ludi Florales*, em honra de Flora: 6 dias (28 de abril a 3 de maio). Destinavam-se à invocação da deusa Flora, a protetora da floração. Cinco dias de representações cênicas e no último dia havia *venationes*.

Os *Ludi Florales* e os *Ludi Cereales* eram jogos ligados a cultos agrários. Segundo o mito, estes jogos eram celebrados para suplantar um longo período de estiagem e fome. Pierre Grimal (2009) afirma que

Nos jogos de Ceres, lançavam-se para o circo raposas à cauda das quais se atara uma tocha acesa. Nos jogos de Flora, era costume as cortesãs da Cidade exibirem-se totalmente nuas em danças lascivas. Este último ritual é evidente, tratava-se, no início do ano, de conferir às forças da fecundidade o seu pleno vigor e ninguém ousaria suprimir este espetáculo, por muito indecente que fosse, com receio de tornar o ano estéril. (GRIMAL, 2009, p. 273)

Recordemos que Roma foi uma cidade prioritariamente agrária. Por isso, boa parte de suas festas eram dedicadas a deuses da terra, os chamados deuses ctônicos.

- d) *Ludi Apollinares*, em honra de Apolo: 8 dias (6 a 13 julho). Surgiram em uma ocasião de perigo durante a II Guerra Púnica, tempos depois em um período de epidemia. Consistiam em jogos de circo, corridas, luta contra animais ferozes e representações teatrais.
- e) *Ludi Romani* ou *Maximi*, em honra de Júpiter: 16 dias (4 a 19 de setembro). Instituído por Tarquínio Prisco. Consistiam em um grande cortejo e em jogos no Circo, corrida de cavalos e carros, lutas e teatro.
- f) *Ludi Scaenici*, surgiram em 364 a.C. quando o Senado romano fez vir da Etrúria bailarinos, músicos e mimos com o objetivo de esconjurar uma peste que assolava a Cidade (GRIMAL, 1978, p.79). Em 240 a.C., quando da visita do rei Hierão II de Siracusa e seus aliados, houve a primeira representação teatral com falas que foi adaptada por Lívio Andronico, a partir da tradição da *satura* e dos jogos cênicos, de tragédia e comédia de motivo grego. (GRIMAL, 1978, p.81) Os Jogos Cênicos foram inseridos nos Jogos Romanos a partir 140 a.C. Estes jogos consistiam em representações teatrais, principalmente a comédia, a atelana e o pantomima. De um modo geral, os jogos cênicos estavam ligados à literatura, à música e à dança.
- g) *Ludi Plebeii*, dedicados a Júpiter, 14 dias (4 a 17 de novembro). Comemoravam a vitória da plebe, que se sublevou, reunindo-se no monte Aventino para exigir determinados direitos civis, jurídicos e religiosos. Consistiam em jogos no Circo e teatro.

Dentre os *ludi* até aqui mencionados<sup>4</sup>, os *Ludi Romani* são os mais importantes e os de mais antiga tradição. Em contrapartida, conforme pesquisa realizada, os *ludi* mais antigos são os jogos instituídos por Rômulo – as *Consualia* – em honra de Conso. Piganiol (1923), em seu livro *Recherches sur les jeux romains*, dedica um capítulo inteiro ao deus Conso, informando-nos que em Conso está a base dos jogos e do seu caráter religioso.

### 1.1.2 Jogos não oficiais

Os jogos não oficiais eram celebrados em determinados momentos da vida romana, como por ocasião da morte de alguém muito importante – por exemplo: os Jogos Fúnebres em honra de Júlio César. Realizavam-se também para celebrar o aniversário ou o nascimento de alguém; a comemoração de uma vitória, etc. No entanto, eles estavam sob anuência e vigilância do Estado, podiam ser organizados pelo Estado ou por particulares (BRANDÃO, 1993, p. 180). Estes jogos, denominados *Ludi Votivi* (Jogos Votivos ou Extraordinários), não possuíam data fixa para se realizarem, ao contrário dos *Ludi Solemnes*.

Informa-nos Junito Brandão (1993) que estes jogos ultrapassavam os Oficiais pela suntuosidade, visto que, muitas vezes, foram utilizados como forma de manifestação de poder e foram, também, meio propício para angariar votos. Este autor divide-os em quatro tipos: 1) *Ludi Votivi* propriamente ditos; 2) *Ludi Funebres* (Jogos Fúnebres); 3) *Ludi Triumphales* (Jogos Triunfais); e 4) *Ludi Dedicatorii* (Jogos Dedicatórios). No quadro a seguir, pequena explicação de cada tipo de *Ludi*, segundo o autor (BRANDÃO, 1993, p. 180):

QUADRO 1 - Jogos não Oficiais

<i>Ludi</i>	Características
<i>Ludi Votivi</i> propriamente ditos	“oferecidos ao povo em cumprimento de um voto de um magistrado num momento difícil e de perigo

<sup>4</sup> Além dos jogos citados, houve também, no período republicano, a instituição dos *Ludi Saeculares*, contudo, em data desconhecida, estes deveriam acontecer a cada cem anos, constituíam-se em cerimônias de expiação pela passagem de mais um século. Sua instituição se deve à esperança de pôr fim a algum período de perigo ou aflição nacional. Em 17 a.C., Augusto celebrou estes jogos; na ocasião, o poeta Horácio compôs o poema *Carmen Saeculare*, que foi, em linhas gerais, um hino religioso e ao mesmo tempo uma obra para louvar o governo de Augusto (BRANDÃO, 1993, p. 178-179).

	iminente para a segurança do Estado (guerra, fome, peste...)”.
<i>Ludi Funebres</i>	“oferecidos por parentes próximos do morto, por ocasião dos funerais (raramente aniversário de morte) do mesmo”.
<i>Ludi Triumphales</i>	“dedicados ao povo pelos generais vencedores de uma guerra ou batalha decisiva, em cumprimento de um voto anteriormente formulado”.
<i>Ludi Dedicatorii</i>	“solenidade presidida pelo censor ou pretor urbano para a inauguração de um templo ou monumento público”.

Como exemplo de jogos votivos, citamos os jogos cênicos realizados por Pompeu, em 55 a.C., quando da inauguração do primeiro teatro permanente em Roma. Marco Túlio Cícero, em carta ao amigo Marco Mário, relatou as suas impressões sobre os jogos. Nesta carta, Cícero mencionou a suntuosidade dos jogos, a euforia do público e deixou uma crítica pelo excesso de violência nos espetáculos de feras, além de apresentar a estrutura da festividade:

E, contudo, não duvido que no teu quarto, diante do qual fizeste uma abertura para contemplar a baía de Estábias, tenhas passado as manhãs desses dias em breves leituras, enquanto aqueles que aí te deixaram assistiam sonolentos às apresentações públicas dos mimos. Quanto ao restante do dia, decerto o consumias com aqueles prazeres que tu mesmo tinhas planejado segundo teu gosto, enquanto nós éramos obrigados a suportar as apresentações que Espúrio Mécio nos proporcionara.

Em geral, se queres saber, os jogos foram magníficos, mas não para teu gosto (julgo-o pelo meu). Pois, em primeiro lugar, em honra à ocasião, retornaram ao palco certos atores que, segundo eu pensava, dele deviam ter se afastado em honra à própria reputação. (...) O que mais te direi? Conheces os jogos restantes. Não tiveram nem mesmo a graça que costumam ter os jogos mais comuns: a visão daquela pompa tolhia toda a alegria, pompa que, não tenho dúvida, terias tranquilamente dispensado. De fato, que prazer há em ver seiscentas mulas na “Clitemnestra”? Ou três mil taças no “Cavalo de Tróia”? Ou variadas armaduras de infantaria e cavalaria em alguma batalha? Essas coisas, que arrebataram a admiração popular, não te teriam oferecido nenhum prazer.

[...]

Restaram duas caçadas ao dia, durante cinco dias. Magníficas, ninguém há de negar. Mas que prazer pode existir, para um homem refinado, em ver um frágil ser humano ser destruído por uma fera descomunal, ou um esplêndido animal selvagem ser trespassado por uma lança? (...) O último dia foi o dos elefantes, que despertou grande entusiasmo na massa popular, mas nenhum prazer (BORGES, 2015, p. 81-82).



Nestes trechos, o autor descreve para o amigo tudo o que havia se passado nos dias de jogos e, em seu relato, ainda faz juízo de valor sobre os espetáculos. Esta carta nos evidencia a importância dada à prática e/ou à assistência aos jogos.

## 1.2 A importância dos Jogos

Augusto Fraschetti (1999) explicita que os *ludi* são importantes na formação do caráter do cidadão romano, o qual é moldado a partir da participação nos espetáculos – seja competindo, seja assistindo. Ademais, os jogos estão contidos no calendário da Cidade e estão ligados a uma tradição. Constituem não só um dever cívico e religioso, mas também político; pois havia interesse político em promover espetáculos grandiosos a fim de conseguir prestígio, apoio e reconhecimento diante da população.

Segundo Pimentel (2002, p. 100) foi por meio de jogos excepcionais que políticos viram uma forma de ganhar fama, conquistar apoio e garantir a carreira política. Por exemplo, no período republicano, a autora cita Sula, Pompeu e Júlio Cesar que instituíram *ludi* em seus nomes, e Augusto que, no Império, criou também jogos em sua homenagem. Alguns *ludi* de cunho pessoal, como os citados, tornaram-se eminentemente políticos, ou seja, já no fim da República os *ludi votivi* serviam como meio de ascensão política, uma vez que os jogos destacavam o magistrado e/ou o imperador que os financiava. No entanto, a religião ainda estava presente mediante a *pompa*: “alguns aspectos específicos denotam ou conservam a origem religiosa, como a estrutura rígida e de aparato do cortejo que dava início às corridas do Circo, a *pompa circensis*, bem como do desfile que antecedia os *munera*, os combates do anfiteatro” (PIMENTEL, 2002, p. 101), ademais era na pompa que se evidenciavam o poderio e o prestígio político.

Os *ludi* eram espetáculos que estavam circunscritos às esferas religiosas – o que ficava demonstrado por meio da pompa e também da sua demarcação no calendário –; políticas; e também econômicas. No campo político, os *ludi* serviam como alavanca para melhores cargos de magistratura, serviam como “termômetro” de popularidade do imperador (FRASCHETTI, 1999) e representavam o sentido cívico-político para o homem romano, ou seja, ir às celebrações dos jogos era ato cívico-político. Afirma Augusto Fraschetti (1999) que o cônsul Caio Fânio (122 a. C.) era contra a concessão do título de cidadão romano aos latinos, pois com o direito à cidadania estes povos poderiam participar das assembleias, dos dias festivos e dos

jogos; esta menção ilustra a complexidade e a importância dos jogos, os quais não eram mero divertimento. O autor ainda faz menção a Cícero quando este afirma que a opinião e a vontade do povo romano se manifestavam em três lugares, a saber, nas assembleias, nos comícios e nos jogos. Estes últimos seriam o melhor lugar para ver a veracidade dos aplausos ou das vaias do povo, pois, nos comícios, os aplausos podem ser falseados. Dessa forma, os jogos eram tanto um momento de prazer, divertimento, quanto uma ocasião para o povo se manifestar.

A esfera política dos jogos também se manifestou no calendário, pois os jogos oficiais contidos e descritos ali precisavam da aprovação do Senado para serem institucionalizados – como por exemplo *Ludi Augustales* – e alteravam toda a vida social romana.

Sobre a quantidade de dias consagrados aos jogos, vimos em Junito Brandão (BRANDÃO, 1993, p. 180) que os *Ludi Solemnes* ocupavam cerca de 68 dias, Pimentel (2002) contabiliza cerca de 65 dias de jogos no fim da república e cerca de 130 dias no tempo de Marco Aurélio; já no ano de 354, eram 176 dias festivos; isso só de jogos oficiais. De acordo com a autora, a maior parte dos dias de jogos era para os *ludi scaenici* – 102 dias –, em seguida, vinham os *ludi circencis* com 64 dias e, por fim, 10 dias de jogos no anfiteatro. Os jogos extraordinários, por sua vez, ultrapassavam esses períodos (PIMENTEL, 2002, p.113).

A supracitada autora, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel (2002), menciona a participação de alguns imperadores em jogos, cita Cláudio que vibrava nos combates de gladiadores; cita Tibério que promovia os jogos, mas não gostava de espetáculos e assistia a poucos. Em contrapartida, o grande exemplo de assiduidade e paixão pelos jogos foi dado por Augusto, o qual, conforme a autora, via-os com atenção e participava das emoções (PIMENTEL, 2002, 123-124). Segundo Fraschetti (1999), a população solicitava ao imperador a organização de jogos e a mesma gostava de observar a assistência do *princeps* aos jogos. Contudo, os jogos aconteciam sem a presença do *princeps*.

## 2. PRIMEIROS JOGOS: *CONSUALIA* E *LUDI ROMANI*

Neste capítulo, mostraremos o que Tito Lívio e Eutrópio, dois historiadores romanos, narram sobre os *Ludi Romani* e as *Consualia*, dois espetáculos romanos muito antigos.

Relembremos que Rômulo é o fundador e o primeiro rei de Roma. Segundo a historiografia romana, existiram sete reis, a saber, Rômulo; Numa Pompílio; Túlio Hostílio; Anco Márcio; Tarquínio Prisco; Sérvio Túlio; e Tarquínio, o Soberbo; estes constituindo o período monárquico ou da realeza. Em seguida, houve o período republicano, que durou cerca de cinco séculos (séc. V a.C. – séc. I a.C [27 a.C.]) – e o período imperial, que tem seu início em Otaviano, mais tarde, Otávio Augusto, no ano 27 a.C.

As *Consualia* e os *Ludi Romani* são celebrações que aconteciam desde o período monárquico, com elas já se observam as referências sobre natureza religiosa, festiva e cívica que estão vinculadas aos *ludi*.

### 2.1 *Consualia*

As *Consualia* eram os jogos realizados em honra de Conso, uma divindade considerada agrária que possuía seu altar enterrado no Circo Máximo. As celebrações das *Consualia* estão vinculadas ao episódio do Rapto das Sabinas. A festividade consistia em um sacrifício, para o qual o altar era descoberto e se ofereciam as primícias, posteriormente, havia os jogos, o principal deles era a corrida equestre.

Segundo Tito Lívio (1989), Roma, recém-fundada, não possuía mulheres para que os jovens desposassem. Então, relata o historiador, Rômulo envia legados às cidades vizinhas propondo aliança e casamento para os rapazes, entretanto, não consegue êxito; as cidades limítrofes sentem medo e desprezo pela nova cidade porque a consideravam uma potência, visto que sua fundação era presidida por deuses e não era destituída de energia. A partir da negação dos vizinhos, Rômulo e os jovens da cidade sentem-se ultrajados, e desejam vingança; deste sentimento, Rômulo prepara jogos solenes em honra de Netuno Equestre, nomeando-os *Consualia*:

Para conseguir ocasião e local favoráveis, Rômulo ocultou seu ressentimento e preparou jogos solenes em honra a Netuno Equestre, os quais denominou *Consualia*. Mandou então anunciar o espetáculo aos povos vizinhos e revestiu-o de todo aparato possível na época, a fim de torná-lo atraente e despertar curiosidade.

Desejosos de ver a nova cidade, acorreram das cidades mais próximas numerosos habitantes, sobretudo os ceninenses, crustuminos e antenates. Os sabinos vieram em massa, inclusive mulheres e crianças.

[...]

Ao chegar a hora do espetáculo, quando os jogos atraíam os olhares e a atenção dos presentes, teve início o golpe planejado. Dado o sinal, os jovens romanos precipitaram-se para raptar as donzelas. (TITO LÍVIO, 1989, p. 32-33)

Em nota de rodapé, o tradutor do trecho acima informa que *Consualia* eram uma festa em honra de Conso, um dos deuses mais antigos de Roma.

Jorge Martínez-Pinna (2012) no artigo “Los *ludi* en la Roma Arcaica” afirma que desde os tempos dos reis os *ludi* estão vinculados a uma divindade e que sua criação obedece a causas religiosas (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 153). A principal das causas é a fertilidade, tanto da terra quanto da mulher. Outra causa muito relevante para os romanos antigos – isto é, do período dos reis - é a guerra. Dessa forma, o homem romano celebrava jogos e festas com vistas à fertilidade e à guerra, visto que era a preocupação fundamental de uma sociedade primitiva, ou seja, manter a subsistência e o crescimento populacional, de um lado, e proteger e expandir suas fronteiras, de outro.

Além disso, segue o autor, os jogos mais antigos da época dos reis, segundo a tradição, são as *Consualia*, instituídos por Rômulo. Elas aconteciam em duas épocas no ano: em 21 de agosto – metade do verão – e, em 15 de dezembro - final do outono início do inverno, tendo Conso como deus homenageado, e estes jogos pertencem ao âmbito das festas reais. Sobre as datas, a festividade de inverno está registrada nos *Fasti Praenestini*<sup>5</sup>, conforme testemunho de Verrio (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 157) e a de verão “según Tertuliano participaban el *flamen Quirinalis* y las vestales, y por Varrón se sabe que asimismo intervenían los pontífices, bajo cuya dirección se desarrollaban los juegos” (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 158).

Sobre a origem do termo *Consualia* há divergências, enquanto uns dizem que esse nome se origina de Conso; outros apontam como origem dessa palavra, *consilium* (plano).

O nome de *Consualia*, que Rômulo dá aos jogos premeditados para atrair os Sabinos, pretende talvez sugerir uma relação etimológica (enganadora) com *consilium* (‘plano’), que parece implícita em Tito Lívio e que se lê em Dionísio de Halicarnasso. Os modernos procuram antes a derivação a partir de *Consus*, divindade agrária protectora dos silos, que poderia representar uma tentativa

---

<sup>5</sup> “15 de dezembro. Consuália. Sacrificio Público de Expição. Festa a Conso. Os cavalos e as mulas são coroados com flores porque estão sob sua proteção. Assim o Rei é trazido em um cavalo” (Fastos Prenestinos de Marco Verrio Flaco *apud* OVÍDIO, 2015, p.349). Nos fragmentos dos *Fasti Praenestini* não há trechos referentes ao mês de agosto.

de equivalência a Netuno Equestre, mencionado no texto como patrono dos jogos (PEREIRA, 2002, p. 28-29).

Em mesma direção, lemos Junito Brandão (1993), quando explicita a origem do termo *Consualia* a partir do deus Conso e acrescenta mais informações sobre o deus e a festividade:

Conso é uma antiga divindade protetora da agricultura, em cuja honra celebravam-se as festas denominadas *Consualia*, a 21 de agosto e 15 de dezembro: *Consualia dicta a Conso* – As Consuálias são assim denominadas por causa de Conso, segundo Varrão, L.I., 6, 20.

[...]

(...) possuía um altar subterrâneo no meio do *Circus Maximus* (...) Por ocasião das *Consualia*, os cavalos e mulos eram coroados de flores e isentos de trabalho. Podiam tão-somente disputar corridas no Circo... O altar do deus era então desoterrado e em sua honra se realizavam as disputas equestres (BRANDÃO, 1993, p.85).

Brandão também menciona que foi durante a primeira disputa em honra de Conso que aconteceu o Rapto das Sabinas. Por outro lado, Martínez-Pinna (2012) acrescenta algo novo sobre esta divindade: ele tanto pode ser visto como um deus ctônico, quanto como um deus “das colheitas e dos grãos armazenados”<sup>6</sup> (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 155).

Sob o prisma da narração de Eutrópio (1930), em *Breviarium Historiae Romanae*, livro I, observamos a menção aos jogos e ao rapto das jovens, além da deflagração de uma guerra.

Então, como ele e o (*seu*) povo não tivessem mulheres, convidou para um espectáculo de jogos os povos vizinhos(**sic**) da cidade de Roma e raptou as virgens deles. Declarada a guerra por causa da injúria das raptadas, venceu os Ceninenses, os Antemnates, os Crustuninos, os Sabinos, os Fidenates (e) os Veientes; (EUTROPIO, 1930, p. 17)

É relevante a narração de Eutrópio, pois, dos historiadores antigos, é o único que descreve a história romana, iniciando-a na fundação de Roma até a morte do imperador Joviano. Sua narração é sucinta, ora deixando algumas lacunas, devido ao objetivo do texto: contar os feitos romanos salientes às questões militares e/ou civis desde a fundação até a época de escrita, incluindo os feitos de alguns magistrados; a obra era dedicada ao imperador Valente para que ele pudesse alegrar-se de ter seguido em seu governo as façanhas dos varões ilustres antes de conhecê-los pela leitura.

---

<sup>6</sup> “La idea dominante hace de Consus el dios de las cosechas y de los granos almacenados. Sin embargo, esto no impede reconocer en su personalidad ciertas connotaciones ctonias. Así se explica su identificación con Poseidon y en consecuencia con Neptuno” (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 155).

Ainda sobre o deus Conso, Piganiol (1923) afirma que se atribuía aos Arcádios de Evandro a fundação do Santuário para o deus, que Rômulo o havia renovado e que, até a época de Tertuliano, o santuário ainda existia. Como pode ser notado, Conso está nos primórdios da história e da religião romanas e seu altar ficava no puteal, no Circo Máximo. Conso pode ser considerado um dos deuses mais antigos de Roma, e junto a ele, outros deuses rústicos trazidos por Evandro:

Trouxe Evandro consigo as divindades rústicas:  
aqui, onde Roma é hoje, era vazio.  
Daí cultuamos o deus e os ritos dos pelasgos:  
co' o flâmine Dial, ao modo antigo.” (Ov., Fastos, Livro II, v. 279 - 282)

Nestes versos do Livro II dos *Fastos*, de Ovídio, observa-se a explicação da origem do culto ao deus Pã e quem o trouxe para Roma. Pã era uma divindade cultuada pelos árcades por proteger os gados. Sob esse prisma, relembremos que Conso era um deus da terra e da agricultura, por isso vinculado à fertilidade.

Uma narrativa que também atesta Conso nos primórdios da religião romana e dos *ludi* é a sua alusão na obra supracitada. No Livro III, que narra o mês de março – mês em honra do deus Marte, o primeiro mês do calendário de Rômulo – o poeta, dando a palavra ao deus honrado, relata que nas calendas de março são comemoradas as festas Matronálias que rememoram o final da guerra ocasionada pelo rapto das sabinas:

Por isso, as mães ebálias têm no primo dia  
dever de celebrar minhas Calendas;  
ou porque ousando defrontar armas abertas,  
terminaram a guerra com lágrimas;  
ou porque foi Ília por mim tornada mãe,  
meu dia, em sacro rito, as mães cultuam.” (Ov., Fastos, Livro III, v. 229 - 234)

Antes, porém, Marte explicita que foi durante uma festa para Conso que se deu o episódio do Rapto das Sabinas, pois, como se sabe, não havia, em Roma, moças para os rapazes desposarem, e as famílias das cidades vizinhas não aceitaram os jovens romanos:

Ó Rômulo, irritei-me e deitei-te a minha mente.  
'As preces guarda' eu disse, 'dou-te as armas'.  
Festeja a Conso – Conso o resto irá contar-te,  
Cantará o que foi feito no seu dia. (Ov., Fastos, Livro III, v. 197 - 200)

Ademais, o próprio Ovídio, em *A Arte de Amar*, faz alusão aos jogos de Rômulo para instruir o jovem na arte da conquista. Nesta obra, o poeta latino evoca vários lugares, em Roma, propícios a encontrar o amor: passeios e edifícios públicos, o fórum, o teatro, o circo, entre

outros; e é na evocação ao teatro que o poeta romano menciona os jogos patrocinados por Rômulo quando do rapto das sabinas:

Foi você, Rômulo, quem primeiro jogou a emoção nos olhos, quando o rapto das Sabinas fez a felicidade de seus homens, privados de mulheres. (...) Cada um olha para trás, localiza com os olhos a mulher que ele deseja e roda silenciosamente mil pensamentos em seu coração. Enquanto ao ritmo rústico de um tocador de flauta toscana, um saltimbanco dá três pancadas com o pé no chão batido, em meio aos aplausos (os aplausos eram então espontâneos), o rei dá a seu povo o sinal esperado para capturar a presa. (OVÍDIO, 2013, p. 11)

Neste fragmento de texto, tem-se uma releitura / encenação do que aconteceu no episódio supracitado. Entretanto, é importante ressaltar que o objetivo de Ovídio não era só rememorar o mito, mas também destacar o feito inédito de Rômulo para que o leitor percebesse o quão salientes eram o circo e o teatro para a arte da conquista e da sedução. Por isso, o poeta cita o teatro como o local onde ocorreram as *Consualia*: “É certamente por fidelidade a este antigo costume que, ainda hoje, o teatro está cheio de armadilhas para as belas” (OVÍDIO, 2013, p. 12). Vale ressaltar que os espetáculos por ele descritos não são os que a tradição relata: na cena explicitada, o autor descreve uma apresentação de músicos e de um dançarino. Segundo a tradição, os jogos consistiam de carreiras equestres e de “unas piruetas realizadas sobre odres de piel untados con aceite” - citando Varrão - (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 157). Jorge Martínez-Pinna sintetiza afirmando que “en su forma originaria, los juegos de los Consualia prescindían de los caballos y asumía de una sencilla fiesta de campesinos” (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 157).

Na passagem sobre o Rapto das Sabinas ainda podemos ler uma descrição dos sentimentos dessas mulheres, o que indica que a menção a este episódio é uma recriação do poeta para enriquecer sua obra e para fundamentar a tese de que o teatro era um local propício para conquista amorosa, sendo, pois, o Rapto como precursor na história amorosa romana. Para nós, neste trabalho, o principal a se destacar, neste excerto, é a reafirmação de que as *Consualia* possuíam como fim primeiro a obtenção de esposas aos romanos:

en efecto los juegos sirven de vehículo para conseguir mujeres, auténtico núcleo de la leyenda. La ciudad recién fundada estaba habitada exclusivamente por hombres, de manera que las doncellas raptadas, símbolo de la fertilidade, constituyen el elemento necesario para la continuidad de la comunidad (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p. 159).

## 2.2 *Ludi Romani*

Jorge Martínez-Pinna (2012), no artigo supracitado, divide os jogos no período arcaico em dois ciclos: o ciclo da fertilidade e o ciclo da guerra. As *Consualia* estão inseridas nos jogos ligados à fertilidade, junto a elas estão os *Ludi Taurei*, criados por Tarquínio, o Soberbo. Já, no ciclo da guerra, encontram-se as *Equirria* e a festa *equus October*. Martínez-Pinna (2012) caracteriza estas celebrações a fim de situar os *Ludi Romani*, pois estes são “a manifestação mais perfeita<sup>7</sup>” e “representa uma síntese dos jogos anteriores”<sup>8</sup> (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p.166), ou seja, os *Ludi Romani* compilaram o melhor de cada celebração, dando origem ao principal evento do povo romano.

Os *Ludi Romani*, segundo a tradição, foram instituídos por Tarquínio Prisco em honra de Júpiter, logo após a vitória da guerra contra os latinos. Estes jogos, afirma-nos Martínez-Pinna, flutuavam como celebrações de triunfo ou como *ludi* em si, pois, de acordo com Th. Mommsen (apud MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p.167), durante muito tempo acreditou-se que os Jogos Romanos faziam parte de cerimônias de triunfo e, juntos, formavam um ritual de vitória. No entanto, essa interpretação deixa em aberto o fato de os jogos serem classificados como jogos solenes, segundo narra Tito Lívio (cf. TITO LÍVIO, 1989, p.71).

Os *Ludi Romani*, também chamados *ludi Maximi* ou *Magni*, eram celebrados no mês de setembro. Inicialmente acredita-se que os jogos eram celebrados no dia 13 de setembro, coincidindo com o *dies natalis* do templo de Júpiter, mas, para Martínez-Pinna (2012), era mais plausível não haver data fixa, uma vez que os jogos aconteciam ao final de uma campanha militar ou quando o rei considerasse oportuno. Contudo, seguiremos com o que está estabelecido para estes *Ludi* quanto à época de celebração, ou seja, entre 04 e 19 de setembro.

O autor supracitado apresenta algumas informações relevantes sobre a organização dos jogos: 1) a cerimônia iniciava-se no Capitólio por meio de uma procissão que pelo *vicus Tuscus* chegava ao *Vallis Murcia*; 2) quando os jogos se encerravam em 13 de setembro, à noite deste

---

<sup>7</sup> “que en el ámbito de los juegos encuentra su manifestación más perfecta en los llamados *ludi Romani*” (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p.166).

<sup>8</sup> “También conocidos con las expresiones *maximi* y *magni*, estos juegos vienen a representar una síntesis de todo lo anterior” (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p.166).



dia, havia um banquete – *epulum Iovis* – no Capitólio na presença das estátuas de Júpiter, Juno e Minerva; 3) a festa terminava com os jogos. Martinez-Pinna destaca que, no período monárquico, o presidente/patrocinador dos jogos vestia-se com os *ornamenta triumphalia*, vestimenta criada por Tarquínio Prisco. (cf. MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p.170-171). Este estudioso também descreve a *pompa circensis* destes jogos oferecidos pelo senador A Postúmio partir do relato de Dionísio - historiador grego – eis a sua descrição:

La procesión era encabezada por el presidente de los juegos, ataviados con los *ornamenta triumphalia*, a continuación desfilan los jóvenes, a caballo y a pie según el rango, ordenados según un criterio militar, casi como representación del ejército; después, los participantes en los juegos, con sus caballos y carros, y tras ellos coros de bailarines, tanto de la danza pírrica como sátiros, y los músicos; el cortejo era cerrado por las estatuas de los dioses, llevadas en un carro especial, llamado *tensa*, conducido por un *puer patrimus*. (MARTÍNEZ-PINNA, 2012, p.171)

Tito Lívio (1989) e Eutropio (1930) relatam que Tarquínio Prisco escolheu o lugar para o Circo Máximo. Tito Lívio (1989) afirma que os jogos foram celebrados após a guerra contra os latinos, quando o rei Tarquínio tomou de assalto a cidadela de Apióles, os quais foram os mais pomposos e mais organizados comparados aos dos reis anteriores (cf. TITO LÍVIO, 1989, p.70). Esta assertiva de Tito Lívio fundamenta o apresentado por Martinez-Pinna (2012), quando afirma serem os *Ludi Romani* a síntese perfeita das demais celebrações existentes no período monárquico.

Eutropio (1930) declara, sucintamente, que durante o reinado Tarquínio Prisco, entre outras coisas, “construiu o circo de Roma; instituiu os jogos romanos, que perduram até nossos dias” (EUTROPIO, 1930, p. 23). Em contrapartida, Tito Lívio detalha mais os feitos de Tarquínio Prisco a respeito do Circo Máximo, o historiador nos cita que o rei destinou lugares para os senadores e para os cavaleiros; e enumera as modalidades praticadas no local: “apresentação de cavalos de corrida e de pugilatos, oriundos sobretudo da Etrúria” (TITO LÍVIO, 1989, p.71).

Além de Grimal (2009), Maria Helena da Rocha Pereira também afirma serem os *Ludi Romani* os jogos mais antigos e nos informa também que sua existência como celebração anual se comprova a partir de 366 a.C. (PEREIRA, 1990, p. 43). Antes, os *Ludi Romani* eram jogos excepcionais e votivos; sua celebração era realizada com intervalos irregulares, depois, passou a ser de quatro em quatro anos e, por fim, a partir de 366 a.C., passou a ser anual, época em

que, segundo a tradição, foram criados os *edis curuis* para organizarem os jogos (PIGANIOL, 1923).

Como mencionado, antes de 366 a.C., os *Ludi Romani* não eram anuais e sua origem data do período da realeza. Ademais, Piganiol (1923), quando contrapõe jogos anuais e jogos votivos, afirma que os jogos anuais derivam das celebrações agrárias realizadas pela plebe.

Ressaltamos, por fim, que os Jogos Romanos eram os espetáculos mais importantes da Cidade. No período imperial, havia a presença do imperador nas solenidades de abertura, sendo também valorizada a sua presença durante as competições, o que proporcionava grande satisfação aos espectadores (FRASCHETTI, 1999).

### 3. OS JOGOS DE FLORA

No capítulo anterior, abordamos duas celebrações romanas muito antigas: os *Ludi Romani* e as *Consualia*. A primeira era celebrada em Roma, uma festa da cidade, que podemos considerar uma festa urbana; já a segunda tinha uma origem agrária, sendo o próprio Conso considerado um deus ctônico, contudo sua celebração realizava-se também na Urbs. Pode-se ainda ressaltar que a origem desta divindade é obscura, assim como parece ser a origem de sua festividade.

Dessa forma, neste capítulo, a partir do relato de Ovídio (2015), apresentamos uma versão do mito e das festas de Flora, deusa das flores e da agricultura. Sendo esta deusa objeto de estudo do capítulo, razão pela qual discorreremos sobre sua origem, suas festividades e, principalmente, sobre os jogos a ela dedicados. Os jogos de Flora, ao lado dos anteriormente mencionados, estão no cerne das celebrações romanas. Enquanto os dois primeiros jogos ocorriam na cidade, tendo, provavelmente, sua origem em Roma, os jogos de Flora são de origem agrária, provavelmente, celebrados por uma plebe dedicada à agricultura, com o objetivo de obter boa colheita e/ou manter os campos semeáveis.

#### 3.1 A deusa Flora

Flora é uma divindade agrária, conhecida como deusa das flores, muito popular e cultuada entre os romanos; durante a primavera, eram realizados jogos e cultos em sua honra. É reconhecida como uma divindade sabina, uma vez que foi cultuada pelos povos sabinos e introduzida em Roma por um rei sabino; sendo Clóris, deusa da primavera, para os gregos.

De acordo com Junito Brandão, Flora é “a deusa das flores, a potência da vegetação, que provoca a floração das árvores e dos campos” (BRANDÃO, 1993, p. 149), era adorada pelos sabinos e foi introduzida em Roma por Tito Tácio (SPALDING, 1972, p. 62). Pierre Grimal (GRIMAL 2000, p. 175) explicita que essa divindade “era honrada quer por populações itálicas não latinas como por latinas. Algumas populações sabinas tinham-lhe consagrado um mês, o correspondente a abril do calendário romano”.

Flora é uma das divindades latinas mais antigas. Segundo Varrão, ela estava entre os doze deuses mais antigos. Esta divindade representa o eterno renascer da vegetação na primavera e também está ligada aos cereais, à videira, às árvores frutíferas e às plantas, no geral

(BRANDÃO, 1993, p. 149). De acordo com o calendário romano, as deusas Ceres e Flora, ambas deusas agrárias, dividem o mês de abril nas suas festividades.

O culto de Flora comportava uma série de cerimônias que pedia a proteção da deusa para as colheitas, ela possuía um *flamen* – *Flamen Floralis*, sacerdote criado pelo rei Numa para servi-la – isto é, um “sacerdote consagrado ao culto de uma divindade particular”, cuja função era “presidir a festa da divindade a quem estava consagrado e oferecer-lhe os sacrifícios de praxe” (BRANDÃO, 1993, p. 148). Sua festa – a *Floralia* – foi instituída em 28 de abril de 238 a.C. com a construção de um templo para homenageá-la e para solicitar-lhe a sua proteção, e no ano 173 a. C passou a ser celebrada anualmente com acréscimo de jogos (LIMA, 2018, p.57).

Os jogos de Flora consistiam em jogos de circo e apresentações teatrais – principalmente do gênero farsa, o qual deu “fama de licenciosidade” ao festival por ser um gênero “que consistia na composição de personagens e situações caricatas” (LIMA, 2018, p.57), um fato a se destacar, nestes jogos, é a participação de cortesãs que se exibiam completamente nuas em danças lascivas (GRIMAL 2009, p. 273).

Carolina Bertassoni dos Santos, em artigo que trata da demarcação do tempo por intermédio de festas religiosas, principalmente as agrárias, complementa e resume o perfil da deusa Flora:

Flora era a deusa das plantas e das árvores, chamada por Ovídio de Mãe das Flores. Era considerada a potência da natureza que presidia a tudo que floresce, não só nos jardins, como nos campos. A *Floralia* era uma das festas mais populares de Roma. Flora era considerada também a mãe da primavera, deusa das flores e da fecundidade. Suas festas celebravam a chegada da primavera, o amor, a fertilidade, o mundo vegetal em sua conexão com os homens, a juventude e o ciclo biológico humano. Seus rituais envolviam o ato de espalhar sementes pelo solo a fim de torná-lo fecundo (SANTOS, 2010, p. 2-3).

Um fator relevante acerca da deusa Flora diz respeito ao fato de ela ser considerada uma deusa da plebe, razão pela qual os jogos em sua homenagem estavam a cargo dos edis plebeus. Segundo Janine Cels Saint-Hilaire (1977), a antiguidade do culto de Flora pode ser atestada pelo *flamen Floralis* e pelas oferendas que os irmãos Arvales lhe faziam e também por ser cultuada pelos sabinos e outros povos itálicos, como os samnitas. Esta autora explicita, ademais, que o primeiro santuário de Flora localizava-se no monte Quirinal, uma região sabina, já o segundo santuário estava situado perto do grande Circo de Roma, local por excelência dos cidadãos que se opunham ao patriciado. A demarcação do seu santuário já dá indícios do quanto a deusa era voltada para a plebe e também do grande apreço que o povo lhe devotava.

### 3. 2 A deusa nos *Fastos*

Nos primeiros versos de os *Fastos* (2015), Ovídio expressa o objeto do poema: relatar os ritos contidos nos antigos anais seguidos dos seus dias festivos somados aos feitos do Imperador, os quais podem estar demarcados nestes dias consagrados a festas domésticas (OVÍDIO, 2015, p.35). A partir daí, o poeta, ao cantar o mito e os jogos de Flora, assinala que no dia 28 de abril – dia em que se iniciam as festividades da deusa, as quais se encerram no terceiro dia do mês maio – também se comemora uma festa para Vesta, Febo e César:

Tem Vesta o dia em que os parentes a acolheram:  
 assim os senadores instituíram.  
 Febo possui u'a parte; a outra foi dada a Vesta;  
 têm a terceira parte o próprio César.  
 Vivei, ó louros palatinos e carvalhos:  
 têm três deuses eternos u'a só casa. (Ov., *Fastos*, Livro IV, v. 949 - 954)

Fraschetti (1999) afirma que, na República, os dias festivos eram prioritariamente celebrados em honra dos deuses, entretanto, no Império, o cenário passa por mudanças com a inclusão, no calendário, de festas em honra dos homens, principalmente relativas à figura e aos feitos do Imperador. Essa mudança de perspectiva nas celebrações já ecoa com Júlio César, pois em 45a. C., mediante um decreto senatorial, há a abertura de espaço para celebrar anualmente as grandes vitórias do, então, ditador romano. Na passagem acima transcrita, Ovídio faz o registro da marcação de um único dia para lembrar e honrar dois deuses romanos e o Imperador, ficando este no mesmo patamar dos deuses. Como se sabe, após a sua morte, Augusto foi divinizado e em sua homenagem os *Ludi Augustales* tornaram-se anuais.

Nesse contexto, a introdução de um feito do Imperador à celebração do dia consagrado à divindade, começa com a narração sobre Flora. Inicialmente, o poeta canta:

Quando a Titônia o irmão de Assáraco deixar,  
 e três vezes se erguer no imenso céu,  
 chega Flora, por mil guirlandas coroada:  
 mais liberais costumes tem o teatro. (Ov., *Fastos*, Livro IV, v. 943 - 946)

Nos versos acima, encontra-se a primeira menção à deusa, contudo, é somente no Livro V, referente ao mês de maio, que o leitor terá acesso à história da divindade contada por ela mesma, uma vez que Ovídio usa o recurso do discurso direto, assemelhando-se a uma encenação teatral. O autor informa que “De Flora a festa alcança as Calendas de maio - / voltarei; mor empenho ora me chama” (OV., *Fastos*, Livro IV, v. 947-948). Dessa forma, no primeiro dia dedicado a

suas celebrações, o seu nome somente é mencionado, dando-se destaque a Febo, a Vesta e a César.

É importante destacar alguns aspectos nesses quatro versos citados, uma vez que eles referenciam a origem mítica dos troianos. De um lado, há a genealogia de Príamo, rei de Troia, e do outro, a genealogia de Anquises, pai de Eneias.

No texto latino<sup>9</sup>, observamos que o citado irmão de Assáraco retorna da Frígia. De acordo com a mitologia, esse irmão é Ilo. Ele é pai de Laomedonte e Temiste que, respectivamente, são ascendentes de Príamo e Anquises. Ilo, quando jovem, concorreu a jogos desportivos na Frígia, os quais ganhou e, dentre os prêmios, recebeu uma vaca que lhe fora ofertada pelo rei, que segundo um oráculo deveria fundar uma cidade onde ela parasse. Ali surgiria Ilion, Troia. Nesse contexto, o poeta faz alusão às festas de Flora, apontando para a duração das mesmas, ou seja, ao tempo no qual as festividades são realizadas.

Como explicitado anteriormente, o poeta dá voz à deusa, e ela própria conta a sua história. Segundo a deusa, o nome Flora é uma latinização do som do nome grego Clóris; além disso, ela se intitula “ninfa do campo afortunado” e é a esposa de Zéfiro, deus do vento, o qual lhe dá os campos e suas belezas:

Nos campos que ganhei por dote, o horto é fecundo,  
o vento o afaga, o irriga a água da fonte.  
Meu marido o encheu de magníficas flores,  
E diz: ‘Deusa, és das flores soberana’. (Ov., Fastos, Livro V, v. 209 - 212)

Continua Flora, em seu relato, afirmando que foi a primeira a “espargir sementes pelos povos” e a “fazer flor do sangue espartano”, ademais, revela que por suas artes Juno deu à luz a Marte: Juno estava chateada, porque Júpiter gerou Minerva sem a sua ajuda, em razão disso, pediu a Flora que lhe desse a flor do campo de Olênio, uma flor que faz a vaca estéril gerar (OVÍDIO, 2015, p.255). Ovídio revela-nos, também, os poderes da deusa: ela além de reinar sobre as flores, impera no campo cultivável, cuida dos animais e dos frutos alimentícios e cuida dos homens, na área da fertilidade, pois, por ser uma deusa da agricultura, tem a função de fertilizar o homem também.

Talvez penses que seja o meu reino somente  
o das flores: meu nume alcança as leivas.  
Se bem floresce a messe, o campo será rico;

---

<sup>9</sup> “Cum Phrygis Assaraci Tithonia fratre relicto/ sustulit imenso ter iubar orbe suum,/ mille uenit uariis florum  
dea nexa coronis;/ scaena ioci morem liberioris habet” (OV., Fastos, Livro IV, v. 943 -946)

se bem floresce a vinha, haverá Baco;  
 se bem floresce a oliveira, o ano será brilhante,  
 e as frutas na estação serão colhidas.  
 Lesa a flor, morrem as favas e as ervilhas,  
 morrem, Nilo estrangeiro, tuas lentilhas.  
 Mas se a vinha floresce, o vinho feito é posto  
 em tonéis, e de espuma as talhas cobrem.  
 Mel é dom meu: sou eu que a melífera abelha  
 chamo aos cravos, tomilhos e violetas;  
 Sou eu quem também faz nos anos juvenis  
 vicejarem os corpos e os espíritos (Ov., Fastos, Livro V, v. 261 - 274)

As *Floralia* foram instituídas desde há muito em Roma. De acordo com Plínio, o Velho, em *Naturalis Historia* (XVIII, 69), *Robigalia*, *Floralia* e *Vinalia* foram instituídas como dias de festas e de descanso, pois temia-se que algo ruim acontecesse no período de cultivo. Todas essas festas aconteciam durante a Primavera; segundo Plínio, o velho, as *Robigalia* foram instituídas nos tempos de Numa Pompílio, e as *Floralia* surgiram por intermédio dos oráculos de Sibila, uma vez que as plantações murchavam rapidamente.

Na narrativa de Ovídio, os jogos de Flora foram criados por camponeses, pois estes desejavam agradecer à deusa pela ajuda em uma causa – eles denunciaram usos indevidos da terra –, porém, na época, estes jogos não eram anuais. Tornaram-se anuais, muito tempo depois: após a deusa rebelar-se contra a população. Flora ficou um tempo esquecida pelo povo e, por isso, ela se vingou deixando os campos infrutíferos, somente quando as honras lhe foram reestabelecidas é que sua ira foi aplacada.<sup>10</sup>

No que diz respeito aos ritos da festa e dos jogos, já mencionamos a participação de prostitutas e o caráter licencioso das celebrações. Lima (2018), aludindo a Valério Máximo, afirma que “nas primeiras edições dos dias de festa, as pessoas se vestiam de cores vivas e chocantes, usavam adereços feitos com grãos e plantas” (LIMA, 2018, p.57). Em contrapartida,

---

<sup>10</sup> Ovídio assim descreve a origem dos jogos nos *Fastos* “ ‘Outrora não havia instrumentos de luxo,/ a riqueza era a terra e a *pecuária* -/ o dinheiro, por isso, é chamado *pecúnia*./ Mas uns na ilicitude enriqueciam./ Acostumou-se o povo a apascentar no bosque, isso era permitido sem castigo./ Nenhum guardião da coisa pública cuidava,/ só o preguiçoso em casa apascentava/ A plebe delatou tal descaro aos edis/ - os Publícios: faltava antes coragem./ Ganhou o povo a causa, e os culpados multaram-se,/ louvaram os guardiães da coisa pública./ Da multa, u’a parte é minha, e, pela grande ajuda,/ os vencedores criaram novos jogos” (OV., Fastos, Livro V, v. 279 - 292). Alguns versos adiante, trata da mágoa da deusa: “O senado romano me esqueceu./ O que eu faria? Como a dor manifestar?/ Que castigo exige por essa ofensa?/ Afastei-me do ofício e descuidei dos campos/ sem me importar se fértil o horto estava. (...) O Senado reuniu-se e votou que se houvesse/ boa florada, u’a festa anual faria./ Anuí co’o voto; então, os cônsules Postúmio/ e Lenas aplacaram-me co’os jogos.” (OV., Fastos, Livro V, v. 312-316 e v. 327-330).

Ovídio (2015) narra que as pessoas usavam grinaldas na cabeça, as mesas eram repletas de flores, bebia-se muito vinho, dançava-se e cantava-se (OV., Fastos, Livro V, v. 331 - 342). O poeta também destaca o desejo de saber por que a festa possuía grande enfoque à luxúria e os jogos eram libertinos, mas, constata que ela não era uma deusa severa, dessa forma, o povo poderia aproveitar mais. Por essa passagem ovidiana, relacionamos o mencionado por Lima (2018) ao citar Catão que, no ano de 55 a.C., saiu durante a festa devido aos excessos dos participantes (LIMA, 2018, p. 57).

Retiramos ainda da narração de Ovídio (2015) as seguintes características dos jogos de Flora: 1) as pessoas usavam roupas coloridas; 2) o lugar onde os jogos aconteciam era coberto de tochas de fogos; e 3) caçavam-se cabras e lebres, em vez de leões, pois o domínio da deusa eram os jardins e o campo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trata dos jogos e sua importância na sociedade romana a partir de uma descrição geral dos *ludi* a fim de nos determos em celebrações muito antigas, as quais remontam à Monarquia Romana. Vimos que *ludi* é um termo usado para designar celebrações de natureza religiosa, que, primordialmente, aconteciam em momentos de crise e/ou festivos, e para nomear os tipos de competições. Os *ludi* possuíam aspecto religioso e festivo, e havia locais específicos para ocorrerem assim como diversas modalidades de jogos.

Na trajetória aqui desenvolvida, explicitamos que, com o passar do tempo, as celebrações dos jogos foram divididas em anuais e eventuais. Alguns dos *ludi* anuais foram eventuais, ou seja, primeiramente ocorriam em períodos de crise ou comemorações, sendo, mais tarde, incluídos na celebração anual do calendário festivo, também denominados Jogos Oficiais, a exemplo do que menciona Ovídio, nos *Fastos*, sobre as festas das *Floralia*. Ainda podemos observar a importância das divindades agrárias como Conso, Flora e Ceres, que eram muito veneradas. Já no campo dos *ludi* eventuais os que possuem mais notoriedade são os *Ludi Funebres*, jogos em homenagem aos mortos, os quais não foram objeto deste trabalho. Todos estes jogos possuíam um momento religioso – a pompa; um momento de divertimento – as lutas, as competições no circo, as encenações teatrais; e um momento socio-político-cultural.

Todas as celebrações estudadas surgiram no período da Realeza e se mantiveram durante o Império. As *Consualia*, instituídas por Rômulo, foram as primeiras festividades para obter a produção de alimentos, por meio da honra prestada ao deus honrado, e estão ligadas a essa festa o Rapto das Sabinas. Os *Ludi Romani*, instituídos por Tarquínio Prisco, como vimos, surgiram como uma festividade para comemorar o triunfo de uma guerra e podem ser considerados os mais importantes dos jogos realizados no período da monarquia. Estes jogos eram celebrados em honra de Jupiter, sendo os mesmos considerados os de maior relevo ao longo dos tempos. Tendo em vista a sua organização e relevância para a sociedade romana, os *Ludi Romani* são reconhecidos como os espetáculos mais antigos, ou seja, os Jogos Romanos tornaram-se uma tradição, um evento nacional de grande prestígio no âmbito das celebrações romanas.

Em sua última parte, este trabalho aborda os *Ludi Florales*, festas realizadas em honra da deusa Flora, deusa das flores e da vegetação. Trata-se de uma deusa cujo culto era vinculado ao campo, ou seja, as colheitas e a reprodução – animal e humana –, daí serem as suas festas

ligadas aos camponeses. Além disso, Flora era uma deusa muito antiga e já cultuada entre os habitantes do Lácio. É importante destacar também duas informações sobre Flora e suas festas: a primeira é a de que, segundo Ovídio, o culto em homenagem à deusa antecede os jogos que a homenageiam, e a segunda é a de que as festas dedicadas a ela possuíam um tom licencioso com desfile de mulheres nuas.

Assim pelo exposto, podemos concluir que os *ludi*, de forma geral, foram eventos de cunho religioso e festivo que transcenderam essas esferas, tornando-se um elemento sócio-político-cultural de grande valor na sociedade romana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Marlene L. V. “Cartas Ad. Familiares VII, 1 – 4: Cícero a Marco Mário. Introdução, tradução e notas”. In: *RÓNAI: Revistas de Estudos Clássicos e Tradutórios*. V.3 N1. p. 76-89. Juiz de Fora: UFJF, 2015.

Disponível em: <https://ronai.ufjf.emnuvens.com.br/ronai/article/download/108/92>

BORNECQUE, Henri [e] MORNET, Daniel. *Roma e os romanos: literatura, história, antiguidades*. Tradução Alceu Dias Lima. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia e da religião romana*. 2ª ed. Petropolis: Vozes, 1993.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A literatura latina*. 3ª ed rev. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. “Virgílio e os jogos fúnebres troiano-romanos”. In: *Clássica*, São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p. 107-1 18, 1996-1997

Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/516/457>

CELS SAINT-HILAIRE. Janine. *Le fonctionnement des Floralia sous la République*. In: *Dialogues d'histoire ancienne*, vol. 3, 1977. pp. 253-286

Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/dha\\_0755-7256\\_1977\\_num\\_3\\_1\\_2694](https://www.persee.fr/doc/dha_0755-7256_1977_num_3_1_2694)

CHORÃO, João Bigotte. *Verbo: enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa: São Paulo: Editorial Verbo, 1998-2001. V. 16.

ERRANDONEA, Ignacio. *Diccionario del mundo clásico*. Barcelona: Labor, 1954. V.2.

EUTROPIO, Flávio. *Breviarium historiae romanae*. Trad. Prof. Manoel Vaz Lobo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

FRASCETTI, Augusto. Le feste, i circo, i calendário. In: GIARDINA, A. & ESCHIAVONE, A. *Storia di Roma*. Torino: Einaudi, 1999.

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica grega e latina*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

GIORDANI, Mario Curtes. *História de Roma*. 7ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983. Antiguidade Clássica II.

GRIMAL, Pierre. *A civilização Romana*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2009. “Os prazeres da cidade” (p. 261-293).

\_\_\_\_\_. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Teatro Antigo*. Trad. António M. Gomes da Silva Lisboa: Edições 70, 1978.

Disponível em:

[https://kupdf.net/download/pierre-grimal-o-teatro-antigo-pdf\\_58bb278ce12e89317dadd375\\_pdf](https://kupdf.net/download/pierre-grimal-o-teatro-antigo-pdf_58bb278ce12e89317dadd375_pdf)

LIMA, Bruno Soares. “Representação retórica dos *Ludi Floralia* no *De Civitate Dei* de Agostinho”. In: BAPTISTA, Natan Henrique Taveira; LEITE, Leni Ribeiro; SILVA, Camilla Ferreira Paulino da. *Ludus: poesia, esporte, educação*. Dados eletrônicos. Vitória: PPGR, 2018. (p. 53-60)

LIVIO, Tito. *História de Roma*. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: editora Paumape, 1989. Volume Primeiro.

MARTÍNEZ-PINNA. Jorge. “Los *ludi* en la Roma Arcaica”. In: *De Rebus Antiquis*. Ano II. Núm. 2/ 2012. ISSN 2250-4923.p. 152 – 179.

Disponível em: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/DRA/article/view/2843/2702>

NASÃO, Públio Ovídio. *Fastos*. Tradução Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. *A Arte de Amar*. Tradução Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Disponível em: [https://www.academia.edu/36003145/A\\_Arte\\_de\\_Amar\\_Ovidio](https://www.academia.edu/36003145/A_Arte_de_Amar_Ovidio)

NÓBREGA, Vandick Londres da. *Metodologia do latim: vida cotidiana e instituições*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

OLIVEIRA, Francisco de. “Actividades de lazer em Roma”. In: OLIVEIRA, Francisco de (coord.) *O Espírito Olímpico no novo milênio*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000.

Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=IGXLCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP2&dq=o+espírito+olímpico+no+novo+mil%C3%AAnio&ots=q39dIS\\_yRa&sig=aRGj3fXMJbfqu09fZIUqK\\_rHbl#v=onepage&q=o%20espírito%20olímpico%20no%20novo%20mil%C3%AAnio&f=true](https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=IGXLCwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP2&dq=o+espírito+olímpico+no+novo+mil%C3%AAnio&ots=q39dIS_yRa&sig=aRGj3fXMJbfqu09fZIUqK_rHbl#v=onepage&q=o%20espírito%20olímpico%20no%20novo%20mil%C3%AAnio&f=true)

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica, v.2: Cultura Romana*. 2ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

\_\_\_\_\_. *Estudos de história da cultura clássica, v.2: Cultura Romana*. 3ª edição, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PIGANIOL, André. *Recherches sur les jeux romains*. Paris: Librairie Istra, 1923.

PIMENTEL, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa. “Os jogos na Roma Antiga”. In: Diana 3 - 4. Universidade de Évora, 2002. p. 99 – 149.

Disponível em:

<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33807/1/Os%20Jogos%20na%20Antiga%20Roma.pdf>

PLINIO SEGUNDO. *Historia natural de Cayo Plinio Segundo*.

Disponível em:

[https://la.wikisource.org/wiki/Naturalis\\_Historia/Liber\\_XVIII#XXVI](https://la.wikisource.org/wiki/Naturalis_Historia/Liber_XVIII#XXVI)

SANTOS, Caroline Bertassoni dos. As Festas Religiosas e a Demarcação do Tempo na Roma Antiga. In: Alétheia – Estudos sobre Antiguidade e Medievo. v.2, n.2. 2010.

Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/view/97/84>

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix, Brasília: INL, 1972.



